

Rilton PRIMO

Sibila & Ludo

Sibylle et Coup de Dés
Obliquas | Volitivas | Poietké

EDIÇÃO BILÍNGUE
Português – Francês



Alliance Française
Salvador - Bahia

Salvador, Bahia | Vilafranca del Penedès, Barcelona | 2021

Rilton PRIMO

Sibila & Ludo

Sibylle et Coup de Dés
Obliquas | Volitivas | Poietké

Tradução
Michel COLIN

Prefácio
Maria da Conceição PARANHOS



FICHA TÉCNICA

Tradução:

Michel Colin

Aliança Francesa – Salvador, Bahia

Prefácio

Maria da Conceição Paranhos
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Ensaio Fotográfico:

Saveiros da Bahia

Rilton Goncalo Bonfim Primo
UFBA

Assistência de Edição Fotográfica:

Marina Cecilia Espírito Santo Alfaya
UFBA

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Centro de Estudios por la Amistad de Latinoamérica, Asia y África, Salvador-Brasil)

P953 Primo, Rilton Gonçalves Bonfim, 1975 -

Sibila e Ludo: Oblíquas, Volitivas, Poietké [livro eletrônico] / Rilton Gonçalves Bonfim Primo; -- 1. ed. --. Salvador, Bahia; Vilafranca del Penedès, Barcelona, CEALA, 2021. PDF.
52f.: il.

Tradutor: Michel Colin.

ISBN nº 978-65-00-16506-7.
DOI: 10.5281/zenodo.5830780.

1. Literatura brasileira - Poesia. 2. Literatura brasileira – Crítica literária.
I. Centro de Estudios por la Amistad de Latinoamérica, Asia y África. II
Título.

CDD B869.91
CDU 82-1/49

Sumário

<i>Prefacio</i>	5
<i>Préface</i>	6
<i>Obliquas</i>	7
<i>Alga Viva</i>	8
<i>Varech vivant</i>	9
<i>Deflui</i>	10
<i>Elle s'écoule</i>	12
<i>Ouvir o Vento</i>	14
<i>Écoute le vent</i>	15
<i>Rosa Aberta</i>	16
<i>Rose Épanouie</i>	17
<i>Inspiração Obliqua</i>	18
<i>Inspiration Indirecte</i>	19
<i>Volitivas</i>	20
<i>Athena</i>	21
<i>Athéna</i>	23
<i>Cantata</i>	25
<i>Cantate</i>	26
<i>Serrania</i>	27
<i>Cordillère</i>	28
<i>Amar Athena</i>	29
<i>Aimer Athéna</i>	30

Poietkè 31

Sibila & Ludo 32

Sibylle et Coup de Dés 33

Jardim das Delícias 34

Jardin des Délices 35

Verso Agudo 36

Vers Aigu 38

Desnovelo 40

Inversément 41

Sacrilegos & Sortilégios 42

Sacrilèges & Sortilèges 44

Sobre o Ceala 47

Sobre a Aliança Francesa - Salvador 48

Sobre o Autor | A Propos de L'Auteur 49

Prefácio

O que mais me chama a atenção na poesia de Rilton Primo é sua capacidade de descoberta a cada passo. Entrecruza imagens e percepções com extremada acuidade lírica da vida ao buscar temas e dicção épicas. Fruição, antes de tudo: o ato de criação como prazer, distante do poder centralizador do autor sobre sua obra.

Primo faz literatura de transparência, termo que arrisca apreender o autor que desfila por trás do poeta, interferindo na obra e ludibriando seus leitores, múltiplo andar por meio dos desdobramentos divergentes que os versos disseminam, entrecruzados pela ouriversaria poética.

Encanto apolíneo exala dessa literatura de diafaneidades, deixando em dúvida a identidade do escritor, momento em que pessoa e fantasma se interpenetram. Nessa senda, Primo realiza uma inversão política da dimensão particular do amor, acompanhada por uma preocupação do artifice, lição de casa na qual a sensibilidade que o torna poeta não o retira das lidas com a forma.

Vejam então porque a muitos falta arte no que sobra em desejo, na crença pueril de uma inspiração espontaneamente divina, enquanto outros inventam uma persona irreal, imbuídos da crença de que poesia se faz sem trabalho árduo e obstinado na linguagem e na forma de cada poema. Rilton Primo percorre o caminho oposto a essas veleidades linguísticas, daí ser poeta e a crescer além de cada momento que deixa para trás.

Profa. Dra. Maria da Conceição Paranhos

Préface

*C*e qui attire le plus mon attention dans la poésie de Rilton Primo c'est sa capacité d'invention incessante. Il entrelace les images et les perceptions avec une intense virtuosité lyrique dans sa quête des thèmes et de la diction épiques. La jouissance, au premier chef: l'acte de création comme plaisir, à distance du pouvoir centralisateur de l'auteur sur son œuvre.

Primo compose une littérature faite de transparence, terme qui court le risque d'appréhender l'auteur qui défile derrière le poète, en s'entremettant dans l'œuvre et en leurrant ses lecteurs, allure multiple au moyen de déploiements divergents que les vers disséminent, entremêlés par la poétique de l'orfèvre.

Un ravissement apollinien s'exhale de cette littérature de diaphanéités, laisse planer un doute sur l'identité de l'écrivain, moment où personne et fantôme s'interpénètrent. Sur cette sente, Primo met en œuvre une inversion politique de la dimension particulière de l'amour, accompagnée par la préoccupation de l'artifice, exercice dans lequel la sensibilité qui fait de lui un poète ne le dégage pas du travail sur la forme.

Percevez donc pourquoi chez beaucoup, là où l'art fait défaut le désir surabonde, dans la puérole croyance d'une inspiration spontanément divine, tandis que d'autres s'inventent une personne irréaliste, imbus de la croyance que la poésie se fait sans travail ardu et obstiné sur le langage et sur la forme de chaque poème. Rilton Primo parcourt le chemin opposé à ces velléités linguistiques, ce qui le fait poète et le fait grandir au-delà de chaque moment laissé derrière soi.

Prof. Docteur. Maria da Conceição Paranhos

Oblíquas



Alga Viva

Outra vez este sopro de algas, ostras;
no meu rosto o salitre, onda às pedras.
O que trago é perfume, relvas ervas
cujo grão foi guardado quanto mostras.

São teus pés, não pegadas que estas águas
vêm dourar de areia e sais, reabertas.
É teu hálito que as pedras semeiam
de outras tréguas da língua à boca seca.

Se respiro ou vegeto, nada evolva;
outra vez este vento salitroso;
estas águas e pés e bocas ostras.

Pés de vento afora, adentro outro agora.
Areia e ouros, alga viva, aroma
e água, boca seca, grão e pérola.

Varech vivant

*Une autre fois cette émanation d'algues, ô huitres;
embruns sur mon faciès, onde aux pierres.
Mon présent, le parfum, un simple et vert regain
dont a été gardé ce qu'en montre le grain.*

*Ce sont tes pieds et non des traces que ces eaux
viennent iriser de sable et sels, rouvertes.
C'est ton haleine que les pierres ensemencent
des trèves diverses de la langue à la gorge sèche.*

*Que je respire ou m'épanouisse, mais rien n'exhale;
encore ces embruns de noroit;
ces eaux ces pieds ces huitres bouches.*

*Rafales de vent au-dehors, j'avance dans un autre aujourd'hui.
Sable et ors, varech vivant, arôme
et eau, gorge sèche, grain et perle.*

Deflui

Riacho é rua calma, o som é onda...
o povilêu já não palmilha a estrada
à margem de outro rio, terceira... aquela
encruzilhada à rua d'alma à ronda
de si nas outras almas, na calada
ondulação deserta delas, dela.

A rua calma, é água ida, é ave
ausente, é praça empós o carnaval.
É rio de som... são margens margeando
a ondulação da onda, é som suave,
é amor de todo um povo, num casal
que não se tem, perdido de onde e quando.

A calma onda, a onda em seu regato...
o estéril rio da rua ao celibato
da gente casta, mansa e ribeirinha,
é ave que não ia, que não vinha,
é nada... à parte a força, a onda d'alma,
a inundação de que é capaz, a calma.

Assim, de quando em quando, é maré alta...
e a onda cresce... e migra o povaréu,
ganhando rios e ruas... e é tropel
- e é novo carnaval... porém sereno,
de almas, rios e ondas!... e é tão pleno,
que os volve à própria calma, à eterna falta...

...

Já outro dia se passara mudo
de teu silêncio... de que não me canso
mais uma vez calar, ouvindo-o inda.
Mais uma vez, te falo quanto és linda,
e quanta vaga ergueste em meu rio manso
e quantas quedas-d'água, quanto entrudo.

Elle s'écoule

*Petite rivière d'une rue calme, le son effet d'onde...
le menu peuple ne foule déjà plus la route
vers la rive d'une autre rivière, troisième... ce
croisement d'avec la rue d'âme à l'entour
de soi dans les autres âmes, dans la silencieuse
ondulation désertée de celles-ci, de celle-là.*

*La rue calme, c'est de l'eau en allée, c'est l'oiseau
manquant, c'est la place sur les traces du carnaval.
C'est la rivière du carillon... ce sont les rives lisières
d'une ondulation d'onde, c'est le timbre paisible,
c'est l'engouement de tout un peuple, en un couple
qui ne s'appartient pas, égaré où et quand.*

*L'onde calme, l'onde en son amont...
la rivière aride de la rue viduité
d'êtres décents, doux riverains,
oiselle qui n'allait ni venait,
néant... hormis la vigueur, l'onde d'âme,
l'inondation dont se fait fort, le calme.*

*Aussi, au gué du temps, c'est pleine mer...
la houle s'enfle... et la cohue ondule,
investissant rues et rivières... et s'attroupe
carnaval dans le vent... mais tranquille,
d'âmes, de rivières et d'ondes!... et tellement plein,
qu'il les renvoie à leur propre calme, à la faute immémoriale...*

...

*Un nouveau jour s'était écoulé muet
de ton silence... que je ne me lasse pas
une nouvelle fois de taire, encore à son écoute.
Une nouvelle fois, je préfère comme tu es belle,
et quelle vague ne dressas-tu pas sur ma douce rivière
et quelles chutes d'eau, quelle mascarade.*

Ouvir o Vento

Reaudição do vento após a calma...
O gosto é como o outono, o seu decoro o inverno;
e a primavera, a ouvir-se, as flores subverte.
Longo e suave, o vento à tarde é terno, é dia
reaprendendo a ouvir-se, e o verso refloresce.

Espécie de Paideia inversa, enamorar-se
da Beatriz de Dante em mundos sem lugar,
lugar sem Norte, céu e inferno sem razão.
Reaprendendo a ouvir-se, o verso a oscilar,
é enamorar que dói, sem culpas, da amplidão.

Não da amplidão do teu mistério, sopro lento;
de teu olhar atento e fugidivo, negro;
de seu altar de púrpura, de mirra e cedro;
do que lhe faz tão lassa, que me diz, não diz...
mas da amplidão que te desperta a ouvir o vento.

Écoute le vent

Écoute le vent nouveau après le calme plat...
 Son avant-goût est comme l'automne, sa pudeur est hiver;
 et le printemps en l'écoutant, batifole parmi les fleurs.
 Lent et soyeux, le vent du soir se fait caressant, aujourd'hui
 réapprenant à s'écouter, et le vers refléurit.

Sorte de Paideia inverse, s'éprendre
 de Béatrice, aimée de Dante, mondes aux lieux inexistants
 rose des vents sans Nord, firmament et léviathan sans fondement.
 Réapprendre l'ouïr de soi, le vers qui soudain oscille,
 sans battre sa coulpe, devant cette étendue, la brûlure du charme.

Non de l'étendue de ton mystère, souffle nonchalant;
 de ton regard attentif et évasif, sombre;
 de son autel de pourpre, de myrrhe et de bois de cèdre;
 de ce qui te rend si lasse, qui me dit, ne dit guère...
 mais l'immensité invite à prêter l'oreille à l'harmattan.

Rosa Aberta

A flor do elã vital jamais se extingue.
Mais haja rosas, e haverá de havê-las,
há mais botão em broto, rubro, olente.

Se gela o fogo, há fogo mais que o vingue.
Mais haja noites frias, céus de estrelas,
há a matutina estrela, fulva e quente.

Assim renasce, à rosa desabrida,
o teu olor que, na manhã seguinte,
ensolaradamente é, qual a vida,

recato e indiscrição, paixão, requinte.
Seguinte, à noite fria e incendiada
do teu perfume, broto matutino

na madrugada sem manhã ainda.
Requinte, sim, fragrância trescalada,
a vida, ensolarada, o feminino

olor é a noite da manhã mais linda.

Rose Épanouie

*De l'élan vital la fleur jamais ne s'épuise.
Qu'il y ait pluie de roses, et elles viendront pour sûr,
plus il y a de boutons qui naissent rubescents, odorants.*

*Que le feu vienne à se figer, un autre feu resplendira.
Qu'il y ait maintes nuits fraîches, maints cieux étoilés,
il y a l'étoile du matin, fauve et chaude.*

*De la sorte renaît, chez la rose tempétueuse,
ton odeur qui, le matin suivant,
dans l'ensoleillement est, telle la vie,*

*pudeur et indiscretion, passion, raffinement.
Donnant suite, à la nuit froide et brûlante
de ton parfum, bourgeon matinal*

*d'une aube qui matin n'est pas encore.
Raffinement, soin, fragrance pénétrante,
la vie, ensoleillée, la féminine*

odeur est la nuit du plus beau des matins.

Inspiração Oblíqua

Desenha-te a notícia da viagem
de volta sempre ao novo paradeiro...
até que a mim te estranhes por inteiro
e te reencontres-me... do rio na margem.

Não sei... sabendo-a vindo-me rever,
já eu, que estranho a sou quanto ma és...
até que mo recordes, de viés,
e já ma esqueças parte a parte o ser.

Que tu, que as letras doiras com teu charme,
batel no rio da língua... vem, deflui...
até chegar-me à foz... que inda não fui.

Que eu, que os versos turvo, os ousos dar-me
os que já nem bem sei, do rio me saio...
até to ver-mo dentro... de soslaio.

Inspiration Indirecte

*Dessine-toi la nouvelle du voyage
toujours de retour à la nouvelle demeure...
jusqu'à ce que tu te sentes tout surpris de moi
et te retrouves moi... au bord de la rivière.*

*Que sais-je... la sachant me venant revoir,
quant à moi, qui étranger la suis autant qu'elle me l'es
jusqu'à ce que tu me le rappelles, de biais,
et que déjà tu me l'oublies en partie à part l'être.*

*Que toi, qui fait scintiller les lettres de ton charme,
batelet sur la rivière de la langue... vient, s'écoule...
jusqu'à m'arriver au delta... qui n'y suis pas encore allé.*

*Que moi, qui enivre les vers, je leur ose me donner
ceux que déjà ne sais bien, de la rivière m'extrais...
jusqu'à te la voir-moi dedans... de travers.*

*V*olitivas



Athena

Queria te escandir um verso apenas,
sonoro... acento de ternura e fome
de ti, brandura e rigidez de espasmo.

Tangível como um gesto-aceno insone
da noite em claro, ao lusco-fusco, às penas
de tua ausência... e escrevo, vácuo, pasmo.

Queria te escandir um verso apenas
caleidoscópico, matiz de prisma
às refrações dos teus impulsos, ânsias

de liberdade e gozo, ardor, melisma
de nossa voz... vencidas as distâncias
de nosso arquejo e lancinar, pequenas.

Queria te escandir um verso apenas,
beligerante, um libelar lascivo
e já desato estrofes em cadeia,

insaciadas, lassas, vãs à peia
dos ímãs teus, Minerva que cativo
mantém teu vate, Athena das Athenas.

Queria te escandir um verso extremo,
orgásmico langor plasmado em frase.
Não tanto que o gozasse pele-à-pele,

já quanto é verve em chama que lhe abra-se;
não tanto lhe penetre, franca, imbele,
já quanto, ao pé do ouvido, é ardor supremo.

Queria te escandir, mas já desisto
- das Musas Musa, desbragada, má -,
um verso apenas, que me inspiras tanto

que nada além de um verso lábil, listo,
se faz mister, em se fazendo encanto,
em se lhe dando o que, de si, lhe dá.

Athéna

*Je ne voudrais te scander qu'un seul vers,
sonnant... accent de tendresse et de faim
de toi, délicatesse et turgescence de spasme.*

*Tangible tel un geste-signe sans le tain
de la nuit blanche, entre chien et loup, aux peines
de ton absence... et j'écris, vide, pâmé.*

*Je voudrais te scander un vers simplement
kaléidoscopique, variante de spectre
aux réfractions de tes incitations, impatiences*

*de liberté et d'oaristys, d'ardeur, mélisme
de notre voix... abolies les distances
de l'ahanement et de la peine, petites.*

*Je ne voudrais te scander qu'un vers,
belligérant, un épigramme lascif
et déjà je lâche des strophes à vau-l'eau,*

*inassouviées, lasses, insensibles aux liens
de tes attraits, Minerve que je captive
garde ton devin, Athéna des Athènes.*

*Pour toi je voudrais scander un vers suprême,
orgasmique langueur tournée en sentence.
Que tu en jouisses, moins peau contre peau*

*que comme verve enflammée qui t'embrase;
plutôt que franche et placide il te pénètre,
qu'au creux de l'oreille, tout te soit ardeur extrême.*

*Pour toi je voudrais scander, mais déjà j'y renonce
- Muse des Muses, effrénée, mauvaise -,
un seul vers, qui m'inspire de sorte*

*que rien, hormis un vers labile, leste,
ne soit nécessaire, se faisant enchantement,
se donnant de lui, ce qu'il lui donne de soi.*

Cantata

As estações lhe cobrem, cúpidas, de gomos;
cobrir de flores faz os ermos estivais
do coração, varando invernos glaciais
e as primaveras outonecem de verões.

Quem é você que, ai dos ais, se segue adiante?
Que força estranha vos destina? Aonde vais?
Ao descansar do morto, o riso de um infante
- e ao tronco rude, a açafior - cingir nos faz!

Quão mais cantatas desfolhaste, pomo a pomo,
a traduzi-las, seiva a seiva, nas canções
da fruta ruda e verso amante que a sonhou?

Não sei tocá-las, fina música, na avena
agreste em que a sonhar fraseias, musa, Athena!...
Que quer de mim que meu te dás, que teu me dou?

Cantate

*Ardentes, les saisons te couvrent de gemmes;
la mer des tournesols vrai silence estival
du cœur, pénétrant les hivers transis,
et les printemps automnent des étés.*

*Ahi des ahis! qui es-tu qui te suis à venir?
Quelle étrange force vous guide? Où donc allez-vous?
Au repos du mort, l'éclat de rire d'un enfant
- comme au rude tronc le safran – nous ceint les reins!*

*Combien d'autres cantates effeuillas-tu, caïeu après caïeu,
à les traduire, à sève ouverte, dans les chansons
de la rude flute et du vers aimant qui la rêvait?*

*Point ne sais les jouer, jolie musique, sur l'agreste
chalumeau où tu phrases en rêvant, ô muse, Athéna!...
Que veux-tu de moi, que mien tu te donnes et que tien je me donne?*

Serrania

Já não crepita em folha à pira, ou desfalece,
jamais o amor, o assim sentido, embora hiberne
talvez para sempre, sob a cinza, como a ácer

do fogo extinto, a seiva inda a correr no cerne
do arbusto desfolhado, no portal do alcácer
do sonho, que o gentio não lembra, nem esquece.

Revoam plátanos, que o tempo é da viagem
reversa ao próprio tempo que é só nosso,
já quando imperam, cúpidas, as translações

que assolam gestas, das folhagens nos mistérios,
à vã renúncia, a dos que calam, agem, secam,
e reverdecem serranias na ramagem.

Cordillère

*Dépouillé, l'amour ne crépita plus jamais dans la vasque, ni ne s'évanouit,
l'amour, ce qu'ainsi nous éprouvons, bien qu'il hiverne
pour toujours peut-être, sous les cendres, comme l'érable*

*au feu éteint : une sève parcourt encore le duramen
de l'arbuste défolié, à la porte de l'alcazar
du rêve, que le gentil ne retient, ni n'oublie.*

*Que voltigent les platanes, c'est le temps du voyage
inverse vers le temps qui seul est nôtre,
quand déjà régentent, ardentes, les translations*

*qui dévastent les genêts, dans les mystères des frondaisons,
le vain renoncement, de ceux qui ne soufflent mot, agissent, dépérissent,
telles ces cordillères qui reverdissent dans la ramure.*

Amar Athena

Há dias em que é pouco ouvir o vento,
as ardências ver brilhar é escasso
e é exígua a própria fímbria do Atlântico.

Há dias absortos cujo cântico
mais mavioso é puro descompasso
e o acalanto apenas desalento.

Há dia, Athena, em que te espero, tanto!

Há dias em que é funda a cismação;
que nada aquém e além me sobressalta
e apenas toca-me o estar a sós.

Há dias em que é doce o amaro, o atroz;
em que é completo sentir, plena, a falta
do mundo inteiro ou, sob os pés, do chão.

Há dia, Athena, em que te quero, tanto!

Aimer Athéna

*Entendre le vent certains jours est peu
rares sont les feux follets qui brillent
comme est exigü la ligne elle-même de l'Atlantique.*

*Il est des jours secrets dont le cantique
le plus touchant est pur dissentiment
et le bercement pur désenchantement.*

Il est certain jour, Athéna, où je t'espère tant!

*Il est des jours de grand spleen;
rien en-deçà ni au-delà ne m'alarme
être seul à seul telle est ma part.*

*Il est des jours où l'âcre, l'atroce, est doux :
quand en plein cœur se creuse le manque
du monde entier ou, sous les pieds, de la glaise.*

Il est un jour, Athéna, où je t'aime, tant!

*P*oietké



Sibila & Ludo

A literária garra existe apenas
àquelas penas sibilinas, d'águas
em curso, fráguas ardentes, de mágoas
enxutas n'águas amenas, serenas.

A Musa não se encanta com quem canta
- e já se espanta dele ou se amofina -
a própria sina ou sanha, atroz, supina,
que em vão destina à musa verve tanta.

Palavra exata, pede; um verso agudo;
u'acorde mudo; um nada, sendo tudo;
um mito, escudos, elmos, lança, espada.

Que a Musa abarca as musas, quer-lhes tudo,
lhes rompe escudos, armas, cala o mudo;
sibila e ludo, a Musa é delicada.

Sibylle et Coup de Dés

La patte littéraire ne vibre que sous
ces plumes sibylliques, aux eaux
qui courent, fournaies ardentes, aux navrances
absorbées par les eaux amènes, sereines.

La muse - déjà elle s'effraie ou se désole -
ne se laisse point charmer par le choreute
clamant son propre sort son courroux, affreux, excessif,
verve enflammée qu'à la muse en vain il destine.

Elle requiert le mot juste, le vers silex;
l'accord aphone; un rien qui est tout;
mythe, pavois, heaumes, hallebarde, estoc.

La Muse les contient toutes, leur demande tout,
rompt les pavois, les armes, impose silence au muet;
sibylle et coup de dés, la Muse est délicate.

Jardim das Delícias

É que a palavra já não basta ou vinga
as tardezinhas, no sítio, o riacho;
as laranjeiras, roseiras, os cachos
surrupiadados de uvas das leiras;
a água doce e fresca da moringa.

Não mostra a mira nossa, de estilingue,
a diligência à caça, à pesca nossa,
o odor dos peixes na enfieira, a choça
de passa-chuva, a trilha à ribanceira,
o tira-gosto enfim, de todos, pingue.

É que a palavra já não bem repara
a nossa infante luz acesa à faina;
não serra, não martela, não aplaina
as farpas da madeira pouca, rara,
em que entalhamos tanta brincadeira.

...

Talvez ainda um bardo, aqui e ali,
exija da palavra uma parreira,
em seduzindo a arte a amante - a amiga -,
uns brotos de bambueira, o odor do nardo,
e invés consiga, à lavra, bem mais lindo,

o que, lhe dando, exige-se de si.

Jardin des Délices

Le vocable ne suffit déjà plus ni n'évoque
 les après-midis, dans le mas, le ruisseau;
 orangers, rosiers, grains de raisin
 grappillés dans les rangées;
 l'eau douce et fraîche de la cruche.

Il ne révèle pas notre mire, avec le lance-pierre,
 le zèle apporté à la chasse, à la pêche,
 l'odeur des poissons enfilés par les ouïes, la paillotte
 abri-pluie, le sentier à flanc de ravin,
 l'amuse-gueule commun goutte enfin.

C'est que le verbe ne donne déjà plus satisfaction
 à notre feu premier allumé au labeur;
 il ne scie, ne martèle, ne rabote
 les éclisses du bois grêle, rare,
 dans lequel nous taillons tant de jeux de mots.

...

Il se peut qu'un rhapsode, encore, ici et là,
 exige du verbe une treille,
 en séduisant l'art l'amante – l'amie -,
 des pousses de bambou, l'odeur du nard,
 et à l'inverse obtienne, travail de mine, bien plus beau,
 ce qu'en lui donnant, on exige de soi-même.

Verso Agudo

E a carne em verso fez-se, agudo, a alabarda
da inspiração do vate, em lâminas em gume
que o tempo só remalha, afia; ideia à lume
que os fios das Parcas une e, à contrapelo, carda.

E a Musa, então, desde o Parnaso, da lascada
pedra e palavra, pede o verso agudo, exato,
extremo e cúpido, que a tome em pleno ato
de amor e indiscrição, poesia devassada.

Koutar, punhal, adaga, o verso-estoque, curto,
é já arma outra, branca, negra, tinta, aguda,
de versos livres, forma rara, rima muda;
arte incisiva, em sendo um belo, um vero surto.

O alexandrino e mais, os bárbaros, são sabres,
são cimitarras do oriente hindu, chinês,
refeitas gládio exato, reto, que, talvez,
mais acertadas, fundas, largas fendas abre.

As redondilhas são floretes, frechas, dardo
de bem-me-quer, de maldizer, qual no epigrama
as ironias, o cinismo é obus, petardo
às resistências de quem mata, de quem ama.

E a Musa então, neste escandir de amor e morte,
de sons e formas, fendas de sentido e cores,
não só devota ao vate, em postas, teus amores;
desmembra o poetastro em postas do seu corte.

E a luz é esta - e o breu - do verso agudo, aguçó:
ser pedra, e lâmina; ser partazana, e chuço;
erudição, e trama; ardil solerte, e oculto;
alheio, ao descurado; avesso, ao ser inculto.

Que a pedra, é afeita à pedra; o duro, ao duro; o pó
ferruginoso, ao polimento de metais,
cristais e pedras preciosas; e, ademais,
o fino, ao fino; o culto, ao culto; o só, ao só.

De tudo acima, edil do alcácer-cidadela
do beletismo, casamata da eufonia
e do sentido humano da palavra bela
ou não, em sendo aguda e, então, com ser poesia.

Vers Aigu

*Et la chair s'est faite vers, acéré, la hallebarde
de l'inspiration du voyant, en lames en tranchant
que le temps simplement parfait, aiguisé; idée à l'embrasement
qui agence les fils des Parques et, à rebrousse-poil, carde.*

*Et alors, la Muse, qui depuis le Parnasse dénuée
la pierre et le mot, implore le vers acéré, exact,
suprême et passionné, qui la ravit en plein acte
d'amour et de révélation, poésie mise à nu.*

*Kandjar, acier, dague, le vers-stock, ramassement,
est déjà une arme autre, blanche, noire, encre, spastique,
en vers libres, forme rare, rime mutique;
art incisif, se faisant un beau, un vrai ravissement.*

*L'alexandrin et autres, les barbares, sont des sabres,
sont des cimenterres de l'orient hindou, chinois,
refondus glaive certain, droit, qui, d'aventure,
de plus réussies, profondes et larges brisures ouvre.*

*Les quatrains sont fleurets, flèches, dard
de je t'aime, de pas du tout, comme dans l'épigramme
les ironies, le cynisme est obus, pétard contre
les résistances de qui aime, de qui tue.*

*Et la Muse, alors, dans cette scansion d'amour et de mort,
de sons et de formes, déchirures de sens et de couleurs,
non seulement dédie au voyant, en quartiers, tes amours;
mais taille le rimailleur en pièces par sa coupe.*

*Et la lumière est celle – comme l'opacité – du vers acéré, affilé:
être pierre, et lame; être guisarme, et pique;
érudition, et trame; chausse-trape ingénieuse, et camouflée;
à l'écart de la négligence; fuyant l'être inculte.*

*C'est que la pierre est faite à la pierre; le dur au dur; la poudre
ferrugineuse au polissage des métaux,
cristaux et autres pierres précieuses; et, en plus
le fin au fin; le cultivé au cultivé; le seul au seul.*

*De tout cela, édile de l'alcazar-citadelle
des belles-lettres, casemate de l'euphonie
et du sens humain du beau mot
ou non, dans son être aigu, alors, être de poésie.*

Desnovelo

Desenrolam-se os romelos da hora,
fugidiço fio, distensível, tenso;
voluteiam retilíneos, se penso
que em torno seu haja dentro, haja fora.
Das sacadas do tempo, das janelas,
seus romelos das horas se projetam
repicando nos degraus da calçada,
da estrada, infinita, das vielas.

...

Parece, às vezes, que a poesia cala,
deixando à solta o remarejamento
imprevisível dos olores, lento,
ou dos sabores, listo, enquanto fala.
Parece, o mais das vezes, que ou propala
imensidade órfã ou nulo alento
ilhado das palavras ou do vento
que as sopra à concha em pérolas opala.

Parece, mas não é, porque a poesia
além da escarpa, ao léu na penedia,
não sendo muda, é tudo, exceto dita.
Parece, mas não é, porque em sabores
aquém saberes, com não ser de amores,
é só saudade, teu silêncio grita,
ou desenrola-se em vielas, pelo
a pelo, em verso anverso e desnovelo.

Inversément

Elles se dévident les pelotes de l'heure,
 fil fuyant, extensible, tendu;
 elles tournoient rectilignes, si je pense
 qu'autour il y ait dedans, il y ait dehors.
 Des balcons du temps, des croisées,
 leurs pelotes des heures se projettent
 carillonnant sur les marches de la chaussée
 de la route - infinie - des ruelles.

...

Il semble, parfois, que la poésie ne souffle mot,
 laissant libre cours à la transsudation
 inespérée des odeurs, de peu d'action,
 ou des saveurs, dans l'attention, ciselant ses mots.
 Il semble, le plus souvent, soit qu'elle dissémine
 une immensité orpheline soit nulle inspiration
 à l'écart des mots ou de l'agitation
 qui les souffle au nautile en perles opalines.

On dirait, mais ce n'est point, parce que la poésie
 au-delà de l'escarpe, oisive sur l'à-pic,
 n'étant guère muette, est tout, sauf dite.
 On dirait, mais non, parce qu'en saveurs
 en-deçà des savoirs, peu incline aux mamours
 elle est juste saudade, ton silence crie,
 ou se déroule dans les venelles, peau
 à peau, en vers revers et inversement.

Sacrílegos & Sortilégios

Quem nunca foi, jamais será, nem é
sequer capaz de suspeitar que até
dos literatos 'o menor' consulta
o dicionário após ouvir estrelas,
só pode pretender que seja estulta
a pretensão de nele, enfim, retê-las.

Quem, poetastro sendo - ou, não, teu fã
samente - não distingue 'à fã' de 'afã',
mistura homônimos sem sinonímia;
da heteronímia cai no trocadilho,
cai da gramática no tombadilho;
só tem, do poetar, noção mais nímia.

Quem, já daí, não sente a significância
de ser um glossarista, é alheio à ânsia
de todo aquele que mergulha fundo
no mundo da palavra, de maneira
a penetrar mais fundo o próprio mundo
além, bem mais além de quanto queira.

Quem, quando à pena está, parece ausente
ao mundo e adentra às dimensões da mente
onde não há nem tempo nem espaço
mal imagina que, subindo ao Astro
ou já descendo a pego, o Poetaço
retorna a si, malgrado o poetastro.

Quem com á-bê-cês está locupletado,
às mil figuras finas no tablado
do beletrismo – autor, leitor - é um bruto.
É catacrese, é metonímia, é eclipse
e antonomásia e sínquise e anac'luto.
É tanto Sol, porém é quanto eclipse.

Quem não reflete a luz das ploce, apóstrofe,
prosopopeia, hipérbato e anástrofe
que não se contam quase; a luz da enálage,
epanalepse, epínome e quiasmos,
na opacidade vive. E quanta hipálage
e antimetáboles e pleonasmos...

Quem lê talvez Camões, Virgílio, Homero
sentindo-lhes o gênio como um mero
artístico labor que o privilégio
da erudição fez educar, os lê?
Se os lê, não os lê do verbo o sortilégio
e o estro, o é vão; e a arte, sem porquê.

Sacrilèges & Sortilèges

*Qui n'a jamais été, jamais ne sera, ni n'est
capable de se douter que même
chez les littérateurs 'le moindre d'entre eux' consulte
le dictionnaire après avoir écouté les étoiles,
est le seul à prétendre qu'elle soit inepte
cette prétention qu'il a, finalement, à les retenir.*

*Qui donc, étant poétereau – ou non, ton fan
seulement – ne distingue pas 'à fin' de 'afin',
confond les homonymes sans synonymie;
de l'hétéronymie tombe dans le jeu de mots,
tombe de la grammaire sur la dunette;
n'a du poète que la notion la plus hyperbolique.*

*Qui, de ce seuil, ne ressent pas quelle est la signifiante
d' 'être un lexicographe', est étranger au désir
de tous ceux qui plongent au fond
du monde des mots, de manière
à pénétrer plus à fond leur propre monde
au-delà, bien au-delà de ce qu'ils voudraient.*

*Qui, quand il est à sa plume, semble absent
au monde et découvre les arcanes de l'esprit
où le temps n'existe pas ni l'espace
imagine difficilement qu'en route vers l'Astre
ou descendant déjà dans l'abîme, le Rimeur
revient à soi, en dépit du poétastre.*

Qui des rudiments se repaît,
 ces mille fines figures sur la scène
 des belles-lettres – auteur, lecteur – est une brute.
 Voilà la catachrèse, la métonymie, l'ellipse
 et l'antonomasie et la synchise et l'anacoluthie
 Voilà tant de Soleil, mais en tant qu'éclipse.

Qui ne reflète pas la lumière des ploce, apostrophe,
 prosopopée, hyperbate, anastrophe
 que l'on ne compte presque pas; la lumière de l'énallage,
 épanalepse, éponyme et chiasmes,
 dans l'opacité vit. Et combien d'hypallage
 et d'antimétaboles et de pléonasmes...

Qui d'aventure lit le Camoëns, Virgile, Homère
 goutant leur génie comme un modeste
 ouvrage artistique que le privilège
 de l'érudition a fait connaître, les découvre-t-il?
 S'il les lit, point ne lit de leur verbe le sortilège
 ni l'invention, c'est en vain; et l'art sans à-propos.



SOBRE O CEALA

Fundado em 2011, o Centro de Estudios de Amistad América Latina de Asia y África - Ceala é uma entidade internacionalista sem fins lucrativos criada para unir esforços de pesquisa, consultoria, publicação e ensino, com atividades/estudos realizados e/ou publicados no/com o México, Espanha, Cuba, Brasil, Colômbia, EUA, Itália, França, Alemanha, Angola, Guiné, Japão, Portugal, República Tcheca, Letônia e Rússia.

O Ceala publica livros individuais e coletivos, promove e/ou contribuiu para eventos, intercâmbios culturais e tecnocientíficos internacionais, na forma de redes de consultores e parceiros técnicos.

Contactos:

Centro de Estudios por la Amistad de Latinoamérica, Asia y África - Ceala

Oficina Ejecutiva	cealaconsulting@hotmail.com
Teléfonos	+55 (71) 9.9705-0564 (Whats App) y +34 623 03 2971 (Whats Business)
Sitio	www.ceala.org
Redes Sociales	www.facebook.com/Ceala.Oficial

SOBRE A ALIANÇA FRANCESA - SALVADOR

Instalada na capital baiana desde 1973, a Aliança Francesa Salvador - Bahia é uma associação cultural sem fins lucrativos que tem por propósito a difusão da língua francesa e da cultura francófona no mundo.

Pautada no lema “curso, cultura e alegria”, além de promover os tradicionais cursos de francês, a instituição também integra o circuito artístico-cultural da cidade, abrigando uma biblioteca com mais de 6.000 obras, uma Galeria para exposições, o Teatro Molière e o Larri Bistrô.

Contactos:

Aliança Francesa - Salvador

Telefones	+55 (71) 3336 7599 +55 (71) 99910 4171 (WhatsApp)
E-mail	escola@afbahia.com.br
Endereço	Av. Sete de Setembro, 401 - Ladeira da Barra.
Site	www.afbahia.com.br
Redes Sociais	www.facebook.com/AliancaFrancesaSalvador @afsalvador

SOBRE O AUTOR | A PROPOS DE L'AUTEUR

Poeta, economista, editor e ensaísta nascido em Salvador, Bahia, Brasil.

Alguns livros:

- 2011 - Poietké: Rimas e Análises.
- 2019 - Artículos Escogidos: Economía Semiótica.
- 2020 - Versejos Árdegos.

Alguns prêmios:

- 1992 - The Cepa International Poetry and Prose Contest (Trilingual: English, Portuguese and Spanish).
 - 2004 - Concurso Nacional de Redação para Professores, Academia Brasileira de Letras e Jornal Folha Dirigida.
 - 2020 - Concurso Nacional de Literatura, 5º Itaú Cultural.
 - 2020 - Concurso Antonia Torreão Herrera de Poesía, Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.
-

Poète, économiste, éditeur et essayiste né à Salvador, Bahia, Brésil.

Certains livres:

- 2011 - Poietké: comptines et analyses.
- 2019 - Articles sélectionnés: économie sémiotique.
- 2020 - Versejos Árdegos.

Certains prix:

- 1992 - Concours International de Poésie et de Prose Cepa (Trilingue: Anglais, Portugais et Espagnol).
- 2004 - Concours National d'Écriture des Enseignants, Académie Brésilienne des Lettres et Journal Folha Dirigida.
- 2020 - Concours National de Littérature, 5ème Itaú Cultural.
- 2020 - Concours de poésie Antonia Torreão Herrera, Institut des lettres de l'Université Fédérale de Bahia.

Nota Editorial

A edição deste livro foi concluída pelo CEALA em 31 de março de 2021, em suporte digital.

Trilogia de Odes Líricas *Trilogie d'Odes Lyriques*

Oblíquas desfila figuras de transversalidade sintática,
semântica e imagística.

Volitivas tematiza o desencontro à lira neoclássica.

Poietké, na pós-estética, é um anti-manifesto ao verso
agudo, que não se alcança.

...

*“Oblíquas” joue avec des figures de transversalité
syntaxique, sémantique et imaginaire.*

“Volitivas” thématise le décalage avec la lyre néoclassique.

*“Poietké”, en post-esthétique, c'est un anti-manifeste, au
couplet aigu, qui ne peut être atteint.*



Alliance Française
Salvador - Bahia

ISBN: 978-65-00-16506-7

